

Ticiana de Oliveira* Antunes

O “ Ser Índio”:

uso da oralidade para a reconstrução da história do povo
de Jeninpapo Kanindé, através de suas narrativas
lendárias.

RESUMO: O presente trabalho tem, como principal objetivo, perceber como a oralidade contribui para a compreensão e resgate da História do povo Jeninpapo Kanindé. Inicialmente, o artigo levanta questões sobre o processo de construção da imagem do índio, ao longo dos tempos, para posteriormente tentar entender como a sociedade, não índia, comporta-se diante do ressurgimento do indígena, processo que vem acontecendo nos últimos vinte anos. Paralelamente, neste mesmo período, a História tem avançado seus estudos, principalmente em relação aos métodos de coleta do corpus empírico. Novos elementos, anteriormente, jamais considerados na pesquisa vêm ocupando relevante espaço nas análises acerca do homem e suas transformações no tempo. Dentro dessa perspectiva, entendemos que o trato crítico das narrativas lendárias, através do norteamento da metodologia da História Oral se configura como importante elemento para a construção de um discurso sócio-histórico.

Palavras-chave:
Índio, Oralidade,
História e Narrativa.

I Desdobramentos do Bom Selvagem

“Sobre a alvura diáfana do algodão, a sua pele, cor de cobre, brilhava com reflexos dourados; os cabelos pretos cortados rentes, a tez lisa, os olhos grandes com os cantos exteriores erguidos para a frente; a pupila negra, móbil, cintilante; a boca forte mas bem modelada e guarnecida de dentes alvos.

Tinha cabeça cingida por uma fita de couro, a qual se prendiam do lado esquerdo duas plumas matizadas, que descrevendo uma longa espiral, vinham roçar com as pontas negras o pescoço flexível.

Era de alta estatura; tinha as mãos delicadas; a perna ágil e nervosa, ornada com uma axorca de frutos amarelos, apoiava-se sobre um pé pequeno, mas firme no andar e veloz na corrida. Segurava o arco e as flechas com a mão direita caída, e com a esquerda mantinha verticalmente diante de si um longo forcado de pau enegrecido pelo fogo”. (ALENCAR, 1857.p 19).

O trecho acima citado é a descrição do índio Perí, criação do escritor cearense José de Alencar, em uma de suas obras mais conhecidas, *O Guarani*, escrita em forma de folhetins no ano de 1857, data da 1ª edição. Vivia, o escritor, em uma época onde nossa intelectualidade possuía um “projeto” de resgatar, num passado heróico, a figura de um representante da origem brasileira. Esse projeto era reflexo da busca por uma identidade que atendessem aos anseios de uma sociedade em formação.

Na Europa, principal norteadora de nossas expressões culturais, redescobriram-se, na Idade Média, temas que buscavam num passado mítico e lendário, raízes de nacionalidades. Contudo, o Brasil, país do Novo Mundo, não conhecera o processo medieval, portanto uma maneira de substituir esse vazio de “cavaleiros”, ornamentados pela cobertura metálica da armadura, foi buscar no índio forte, corajoso e ingênuo o preenchimento dessa lacuna. Assim, surgiu o bom selvagem, habitante das densas e exuberantes matas coloniais, dono de um porte físico robusto, valorizado por uma beleza nativa singular. Seu perfil psicológico era de um indivíduo, que apesar de se comportar como um bárbaro sem inteligência e sem religião, era capaz de demonstrar gestos de nobreza e imensa coragem, por isso era, muitas vezes, aceito e querido pelo fidalgo colonizador, porém essa relação entre o bom selvagem e o colonizador civilizado era de submissão, ou até adoração do indígena para com o branco. Vimos isso em um novo trecho da mesma obra, onde o índio Perí havia salvo a linda e alva Cecília do perigo eminente de um rochedo que corria em sua direção:

*Enquanto um assomo do orgulho selvagem da força e da coragem lhe brilhava nos olhos negros, e dava certa nobreza a seu gesto. Embora ignorante, filho das florestas, era um rei; tinha a realeza da força..
Apenas concluiu, a altivez do guerreiro desapareceu; ficou tímido e modesto; já não era mais do que um bárbaro em face de criaturas civilizadas, cuja superioridade de educação o seu instinto reconhecia”. (ALENCAR, op. cit. p 67).*

Quem, na atualidade, realiza a leitura das obras dos principais escritores do romantismo brasileiro, analisando a forma homogeneizante e estereotipada como os nossos antepassados índios são retratados, tem a sensação de desconforto e certa indignação, porém é importante compreender os valores e o contexto histórico-social em que esses escritores produziram. Talvez esse sentimento de descontentamento se explique pelo discurso de inferioridade presente na representação do indígena dentro do ensino escolar, onde geralmente o índio só é citado no advento do descobrimento; no processo de colonização, visto como o escravo preguiçoso e selvagem, facilmente domesticado pelos jesuítas ou na data comemorativa do Dia do Índio, na qual crianças recebem pinturas corporais e adereços que lembram os povos amazônicos, imagem esta empacotada em grande quantidade e distribuída pela indústria midiática de massa.

O senso comum reconhece o índio como um indivíduo diferenciado esteticamente, com características semelhantes a do índio Perí, cheio de ornamentos e pinturas corporais, que vive isolado em paisagens bucólicas de intenso verde dentro de ocas, ou pode imaginar um povo estigmatizado e marginalizado sempre marcado pela miséria, incapaz de lutar por seus direitos, sem força de atuação política muito menos com uma boa organização social, um povo miserável e primitivo, em resumo.

2. O Índio Hoje. Reflexo do Índio Colonizado e Submisso ?

Logicamente essa visão generalizadora é fruto de nossa colonização, onde o mais prejudicado foi o povo indígena, afinal, ainda no século XIX, os conflitos entre latifundiários e indígenas se acirravam e como meio de garantir a posse da terra tomada, esses chefes políticos afirmavam não haver resquício de índio vindo dos aldeamentos. Tais argumentos eram embasados na idéia de que nenhum habitante daquelas terras tinha características típicas da raça de um “índio”. Portanto, porque lhe convinha, o Estado brasileiro legalmente assumia a extinção da categoria índio na população brasileira e os índios passaram a ser reconhecidos, então, como caboclos ou remanescentes dos antigos desaparecidos e isso perdurou até meados do século XX, onde:

(...) No Nordeste foram reconhecidos os Xukuru-Kariri, Xukuru, Fulni-ô Pankarus (...) em suas áreas indígenas, entre as décadas de 1920 e 1950.

Com o “milagre brasileiro” na década de 1970 e o avanço dos projetos agro-industriais, as pressões sobre as terras

indígenas aumentaram, tanto as dos grupos reconhecido oficialmente como as dos grupos ainda não reconhecidos. Os povos indígenas no Nordeste, pressionam a FUNAI para obterem a garantia de seus direitos históricos, como está registrado a partir da década de 1980 com o ressurgimento dos grupos étnicos como os Pitaguary, os Jeninpapo-Kanindé, os Tabajara no Ceará(...)(SILVA, 2003. p. 4)

Cada vez mais os povos indígenas estão se articulando em mobilizações, encontros regionais e assembléias. Aos poucos estão marcando presença na vida política brasileira, tanto que, ao longo de tantos anos da história do Brasil, em 1988 a Constituição Federal reconhece legalmente “...seus costumes, tradições, demarcação e garantia de suas terras(...)” (SILVA, op. cit. p. 5). Esse reconhecimento perante o documento de maior expressividade da vida de um cidadão brasileiro significou um grande passo para garantia desses direitos antes renegados, porém a falta de vontade política, a morosidade de nossa lei, a escassa assistência dos órgãos dos governos, as secas periódicas, a pobreza nutritiva dos solos e os ainda resistentes conflitos com os posseiros representam enormes dificuldades para a sobrevivência e a resistência desses povos.

2.1. Os Avanços Metodológicos da História Contribuindo para uma Releitura do Índio

Nesse processo de redescoberta do índio e da luta pela garantia de seus direitos, em todo o Brasil, e em particular no Nordeste, estudiosos de diversas áreas vêm contribuindo com suas análises antropológicas, psicológicas, econômicas, legislativas, culturais, etc. A produção acadêmica na área da história tem valorizado o mundo social daqueles excluídos dos livros e documentos oficiais, destacando a importância de elementos à margem da elite. Assim, cada vez mais o negro, a mulher, o velho, a criança, enfim os menos favorecidos, são objetos de estudo e inspiração para ricas análises de cunho social e político. Nessa procura por agentes sociais, que atuam, modelam e modificam a estrutura social e econômica da realidade são notórios os avanços metodológicos que proporcionam novas percepções e descobertas. A ascensão de novas técnicas interpretativas transformam conceitos de método, objeto e documento, ampliam as possibilidades de novos discursos sobre o passado.

Na pesquisa de campo, materiais que jamais seriam investigados, no discurso teórico, passaram a ter considerável relevância, tais como textos literários ficcionais, artigos de jornais e revistas, fotografias, cinema, música, cantigas,

lendas, mentalidades, arte, entrevistas e etc. Tudo isso porque o paradigma da verdade histórica tão perseguido pelos positivistas ortodoxos foi quebrado, partindo da simples constatação de que o ser humano realiza diferenciadas formas interpretativas do mundo e por ser cada um distinto e plural, seria impossível haver uma concordância exata em relação ao passado, pois a realidade é fragmentada a, ponto de um mesmo acontecimento seguir lógicas e possuir significados diferentes.

O uso de entrevistas deixou de ter caráter complementar e estatístico, que uma simples técnica mecânica encerra, e passou a despertar possibilidades outras, quando percebida em seu caráter de rica fonte subjetiva, reveladora da memória daquele que é entrevistado, onde suas experiências de vida são lembradas, remetendo ao passado, que quando interpretado revela lições. Reforçando a linha de pensamento anteriormente formulada, temos:

É bem verdade que uma das contribuições decisivas à inovação temática e metodológica na História resultou da importância das fontes orais (...) Dificilmente nos documentos oficiais se apresentam informes que ultrapassem os limites da estrutura administrativa vigente (...) Por isso, os depoimentos coletados de indivíduos menos privilegiados na estrutura social estudada permitem uma abertura à compreensão da temática estudada, uma vez que propiciam a descoberta de novos olhares sobre temas selecionados. (JUCÁ, 2003, p. 52)

Atualmente, a oralidade é uma fonte bastante utilizada no conjunto destes avanços metodológicos e hoje é trabalhada de forma interdisciplinar, ou seja, as várias áreas das ciências humanas vêm construindo suas análises pautadas na contribuição do discurso oral. Portanto, essa abertura conceitual do ponto de vista cognitivo, permite e até prefere o uso da interdisciplinaridade para a construção de um discurso analítico, áreas diferentes são solicitadas para tratar de um fenômeno único.

2.2. A Oralidade e seu Alcance.

É válido atentar que o uso do corpus oral deve estar, devidamente, embasado com uma coerente discussão teórica, sobre as questões que seu alcance possibilita, ou seja, uma vez que o pesquisador decide-se pela oralidade como principal forma de estruturação e de condução de seu discurso, tem que estar consciente das inúmeras problemáticas surgidas a posteriori. Uma vez iniciado um projeto de História Oral¹, prolifera-se um enorme manancial de futuras interpretações, que podem e devem ser garimpadas e lapidadas ao longo da

¹ A autora Sônia Maria de Freitas, em uma espécie de manual prático e elucidativo chamado História Oral Possibilidades e Procedimentos, nos informa o que entende-se, hoje, por este termo tão recorrente na produção acadêmica historiográfica. Assume ser esta uma metodologia de pesquisa, realizada através da entrevista, bem como outros procedimentos eletrônicos, com o objetivo de registrar depoimentos sobre experiência humana. É claro que esta é uma análise bastante direta, que aqui pretende ser eficaz, porém o livro é bastante rico e nos disponibiliza inúmeros indícios, posturas e possibilidades, no trato com a oralidade.

prática da pesquisa. Isso porque, através das entrevistas, a memória daquele que narra aflora passados de acordo com as visões múltiplas e simbólicas do público elencado.

Aqui, a abordagem desejada sobre memória, pretende ultrapassar a idéia de ser esta uma interpretação pessoal do entrevistado, e dessa forma restrita e desatrelada de um contexto social e coletivo ampliado. O autor Michel Pollak nos traz importantes reflexões, tendo como ponto de discussão, justamente essa amplitude coletiva, que nos fornece a memória: “*a memória essa operação coletiva dos acontecimentos e das interpretações do passado que se quer salvar, se integra, (...) em tentativas mais ou menos conscientes de definir e reforçar sentimentos de pertencimento e fronteira sociais entre coletividades...*” (POLLAK, 1989. p.4). Salientamos, ainda que esse termo coletivo não está sendo utilizado para atestar uniformidade e singularidade nas articulações, entre os indivíduos, em prol de um fim sempre comum. No jogo de relações há, também, conflito e isso impulsiona as mudanças, as acomodações e as reelaborações dos modos de viver com, por isso, talvez alguns autores prefiram utilizar o termo *memória social*.

Persisto, ainda, em instigar outras reflexões acerca das questões que transitam na órbita do ato de lembrar, ato este que se configura como uma reconstrução da relação entre o indivíduo e suas instituições (família, escola, profissão, religião, Estado), baseada em sistemas de representações do contexto atual, afinal, hábitos e relações sociais modificam-se com o passar dos anos. Estamos, constantemente, em um processo de *Metamorfose Ambulante*. A participação do grupo nesse processo é essencial, visto que, somente a partir do reconhecimento e da percepção daquilo e daqueles ao redor, será possível a durabilidade e a significação do passado, tanto que se houver o distanciamento entre indivíduo e seu grupo, essa busca de sentido em fatos distantes se perderá naturalmente.

3. Jeninpapo-Kanindé, O Povo Encantado

Tentando validar toda a discussão que foi se desenrolando ao longo dessas páginas, pretendo abordar novamente a situação dos índios, especialmente no estado do Ceará. Essa tentativa aponta para as intencionalidades intrínsecas em todo discurso escrito, ainda mais aquele realizado em paralelo com a própria realidade histórica, a qual impulsiona o prazeroso fazer profissional do historiador, assumido aqui não como detentor de verdades, afinal, não temos a pretensão de apreender o passado como um todo verdadeiro, temos sim o papel de interpretá-lo.

Na busca de um objeto de estudo, que despertasse, na produção acadêmica, um sentimento de paixão fulminante, a temática indigenista me chamou atenção, especialmente nas aulas sobre Cultura Brasileira e Antropologia Cultural, em que percebi uma identificação da categorização índio com a minha própria percepção de mundo.

Ainda de modo confuso e vago tive o primeiro contato com a tribo dos Jeninpapo-Kanindé, superficialmente e sem muita idéia do que tanto me atraía. Com o tempo, percebi que o nome Lagoa da Encantada tornou-se o principal motivo dessa motivação historiográfica, afinal estórias encantadas, que remetem a lendas faz parte da construção do imaginário e de representações simbólicas tão comumente utilizadas na minha educação. Totalmente leiga sobre essa nova questão, a priori, a intenção era vivenciar as lendas que giravam em torno da Lagoa da Encantada, localizada na comunidade Jeninpapo-Kanindé. O intuito era de entender como aquelas pessoas acreditavam e repassavam as histórias fantasiosas, como se fossem verdadeiras.

Antes de atingir o tocante das lendas da lagoa da encantada, é importante traçar um perfil inicial do povo portador de meu objeto de estudo, os Jeninpapo-Kanindé.

Localizados há 50 km de Fortaleza, no distrito de Jacaúna, município de Aquiraz, sua área de habitação conta-se em torno de 10 hectares e sua população é de aproximadamente 200 índios. Para garantia da alimentação cultivam o milho, o feijão, a batata doce, o jerimum, o maxixe, a macaxeira e a mandioca, o plantio é realizado entre os meses janeiro e maio, quando, geralmente, costuma chover na região. Dentro da sua localidade existe a Lagoa da Encantada, que proporciona a pesca o ano inteiro, apesar da lagoa apresentar níveis de contaminação por um subproduto tóxico da cana-de-açúcar, o vinhoto, vazado há alguns anos da Agroindústria Ypióca, em relação ao extrativismo, buscam na própria mata diversos tipos de frutas, porém estas não são suficientes para toda a comunidade. Comercializam a farinha de mandioca, já que esta é o único produto abundante ao longo do ano. Sua produção é feita através do método tradicional e o resultado de sua venda é utilizado para aquisição de outros tipos de alimentos, também importantes para a dieta básica. O artesanato faz parte da vida rotineira dos Jeninpapo-Kanindé e além de utilizarem sua produção, rendas e objetos de cipó, para atividades na própria comunidade, comercializam com as localidades próximas.

Vivem em modestas casas de poucos cômodos, construídas de taipa e palha de coqueiro, não possuem, praticamente mobiliária e seu alimento é cozido

em fogão à lenha. A maioria das famílias residentes na Lagoa da Encantada afirma ter posse da terra concedida pelo INCRA e seu reconhecimento étnico está sendo conquistado, aos poucos, por intermédio da FUNAI.

3.1. O Ser Índio, Através das Narrativas Lendárias

Estudando a dissertação de Mestrado de Carlos Kleber Saraiva de Sousa, *Identidade, Cultura e Interesse: A Territorialidade dos Índios Jeninpapo-Kanindé do Ceará* pude perceber, um pouco, a comunidade da Encantada, pois o autor realiza ricas análises sobre o povo em questão. Logicamente não tenho a intenção de resumi-las em algumas linhas, porém suas conclusões acerca das narrativas lendárias existentes nas falas dos moradores locais apontaram-me caminhos futuros a seguir.

Analisando as falas dos moradores da encantada sobre o que os mais antigos contavam acerca das histórias misteriosas e mágicas da lagoa, o autor percebeu uma ponte de ligação entre o presente e o passado, uma continuidade entre os fatos da reminiscência e o agora, através de aspectos singulares presentes nessa permanência. Uma das lendas mais notáveis nesse aspecto, diz respeito à notícia de uma cidade submersa pela Lagoa, é uma localidade linda, muito farta de frutas e verduras, iluminada por objetos reluzentes de ouro; uma espécie de paraíso, onde não há “*violência, conflitos, desavenças...tudo nessa cidade parece se conduzir numa perfeita ordem*” (SOUSA, 2001, p. 104). Muitos elementos dessa cidade-paraíso submersa, estão presentes na própria comunidade da Encantada como por exemplo, as frutas, portanto há um “*prolongamento simbólico*” entre as duas cidades, ao mesmo tempo em que percebe-se uma idealização deste paraíso sem perturbações, idealização esta presente também quando os moradores atestam a tranqüilidade e a paz, presentes na própria Encantada.

Nessa relação os moradores estabelecem uma situação de identidade e coesão de seus valores, afinal citando Michel Pollak, novamente: “*a referência ao passado serve para manter a coesão de grupos e das instituições que compõem uma sociedade, para definir seu lugar respectivo, sua complementaridade(...) manter a coesão interna e defender as fronteiras daquilo que um grupo tem em comum, em que se inclui território, eis as duas funções essenciais da memória*” (POLLAK, op. cit.p.5). Já abordamos, anteriormente, a luta dos índios, tanto do Ceará, quanto de todo o nordeste pela garantia de seus direitos territoriais. Daí porque uma intencionalidade consciente ou inconsciente na propagação dessas histórias. É uma forma de resistência da coesão grupal, visando cultivar a idéia de uma identidade comum, pois é a partir dessa que seus direitos, seu bem estar, suas escolhas, seu modo de viver, bem como sua perpetuação física, social e cultural no espaço se configuram.

As narrativas remetem à época da colonização, pois em algumas delas, o elemento colonizador jesuíta aparece. Na maioria das vezes esses missionários possuem poderes sobrenaturais, como por exemplo, ordenar para que as cobras, abundantes no lugar, não mais atacassem a população, ou mesmo, através de uma oração, retirada de um enorme livro, serem capazes de desencantar a lagoa para não mais existir assombrações.

Com isso é válido coadunar elementos diacrônicos da história da sociedade brasileira, de seu processo de mestiçagem, da resistência do índio à catequização, de como esse elemento foi reorganizando suas representações,

Deixando de lado o sentido mais vulgarizado do termo, como a crença em deuses, espíritos e mistérios, religião, aqui, designa a experiência dos homens com o sagrado e se relaciona com idéias de ser, sentido e verdade (FERREIRA, 2002, p.15).

A interpretação dos indícios que essas lendas propiciam é de extrema riqueza para percepção de um mundo social potencializado. Interpretações estas decorrentes de análises do micro, do particular. Esse é um grande desafio para o historiador contemporâneo.

ABSTRACT: The present paper has as main objective, to perceive as the orality contributes for the understanding and rescue of the History of the people Jeninpapo Kanindé. First time, the article raises questions on the construction process of the indian's image, to the long one of the times, later to try to understand as the society, not indian, behaves ahead of the birth of the aboriginal in the present time, process that comes happening in last the twenty years. Parallel, in this exactly period, History has advanced its studies, mainly in relation to the methods of collection of the empirical corpus. New elements, previously, never considered in the research come occupying excellent space in the analyses concerning the man and its transformations in the time. Inside of this perspective, we understand that the treatment critical of the legend narratives, through of the Historia Oral methodology if it configures as important element for the construction of a speech socio-description.

Key Words: Indian, orality, History and Narrative.

Referência Bibliográfica

ALENCAR, José de. 1857. O Guarani. Rio de Janeiro: Ediouro.

BEZERRA, Roselane G. O despertar de uma Etnia: o Jogo do (Re)conhecimento da Identidade Indígena Jeninpapo-Kanindé. Fortaleza, Dissertação de Mestrado/UFC, 1999

- _____ ; SOUSA, C. Kleber S. de. Os Índios da Lagoa da Encantada: uma análise demográfica Autônoma. Comunicação apresentada no V Encontro de Antropólogos do Norte/Nordeste, Recife, 1997.
- CERTEAU, Michel. 1995. A Cultura Plural. Campinas. SP: Papyrus
- COUTINHO, Afrânio. 1970. Introdução à Literatura Brasileira. 6ª Edição, Rio de Janeiro: Editora Distribuidora de Livros Escolares.
- CUCHE, Denys. 1999. A Noção de Cultura nas Ciências Sociais. Bauru: EDUSC.
- FREITAS, Sônia Maria de. 2002. História Oral. Possibilidades e Procedimentos. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado.
- GINZBURG, Carlo. 1998. O Queijo e os Vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição. São Paulo: Companhia das Letras.
- HALBWACHS, Maurice. 1990. A Memória Coletiva. São Paulo: Vértice Editora.
- JUCÁ, Gisafran Nazareno Mota. 2003. A Oralidade dos Velhos na Polifonia Urbana. Fortaleza: Imprensa Universitária
- JUNIOR, Antonio Germano Magalhães & VASCONCELOS, José Gerardo 2003. Linguagens da História. Fortaleza: Imprece.
- POLLAK, Michel. 1989. Memória, Esquecimento, Silêncio. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol 2, n 3, p. 3-15.
- PORTELLI, Alessandro. 1997. Projeto História. São Paulo, (14) p. 25-39.
- SEIXAS, Jacy Alves de. 2001. Percursos de memórias em terras de história: problemática atuais. In ___ BRESCIANI, Stella, NAXARÁ, Márcia (Orgs.) Memória (res)sentimento: indagações sobre uma questão sensível. São Paulo: Editora da Unicamp.
- SILVA, Edson. 2003. Povos Indígenas do Nordeste . Artigo presente nos Anais do XXII Simpósio Nacional de História. Paraíba.
- SOUSA, Carlos Kleber Saraiva de. Identidade, Cultura e Interesse: A

Territorialidade dos Índios Jeninpapo-Kanindé do Ceará. Dissertação de Mestrado/UFC, 2001. Fortaleza - CE

THOSMSON, Alistair. 1998. Aos Cinquenta Anos: uma perspectiva internacional da história oral. História Oral, desafios para o século XXI. p. 47-65.